

O CONHECIPRETO INVISIBILIZADO PELA EXPERIÊNCIA BRANCA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DO PROJETO POLÍTICO CURRICULAR DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNILAB.

Autor: João Pedro Rodrigues De Oliveira
Orientadora: Carolina Maria Costa Bernardo

RESUMO

O artigo “O ConheciPreto invisibilizado pela experiência branca: Uma análise preliminar do projeto político curricular do curso de História da UNILAB.” apresenta uma análise do Projeto Político Curricular a partir das componentes obrigatórias do curso de História da Unilab. O objeto de pesquisa compreende a construção do conceito do que é o ConheciPreto, pesquisa essa que tem como a sua questão de investigação a pergunta “O ConheciPreto está presente no curso de História da UNILAB?”. Essa pesquisa compreende como se estrutura a grade curricular obrigatória do curso e também evidencia como a experiência branca se apropria e invisibiliza o ConheciPreto em meio as componentes obrigatórias do curso de História da UNILAB. Utilizando uma abordagem qualitativa, a investigação foi desenvolvida utilizando o método de pesquisa documental junto com a análise de conteúdo. O artigo apresenta algumas conclusões que apontam e evidenciam o racismo epistêmico no currículo do curso.

PALAVRAS-CHAVES: ConheciPreto. Curso de História. Projeto Político Curricular. UNILAB. Epistemicídio.

CONHECIPRETO

ConheciPreto, arte milenar
 que cresce entre vielas e becos;
 Davison me deu uma escurecida nas idéias
 Fiquei alegre na hora pique baile de favela.
 Isso é uma idéia para o fim do epistemicídio
 Fim da crueldade branca que nos tirou o equilíbrio
 Aí mas não esquece, quando falo branco é o estado de
 espírito ;)
 Vamos voltar para o rumo da prosa
 É o ConheciPreto que deixa nossa História muito mais
 formosa

E nem pense em falar de escravidão
 Esse episódio foi só um trailer perto da nossa real
 História, irmão
 Como diz Rincon Sapiência: “Isso não faz parte da
 nossa História, isso atrapalhou a nossa História”
 E depois eles vêm falar que Iansã é diabólica?

Tô falando dos conhecimentos passados pelas preta e
 os preto
 Aquilo que nos une, desde o berço.
 Foi o ConheciPreto que guiou nossos ancestrais até os
 quilombos
 E fez nas plantações verdadeiros rombos
 É a ginga da capoeira, que nos une e mostra como
 temos que ser
 Uma hora é dança, mas outra é pra valer
 É relativo igual nosso cabelo, que sim, também é
 ConheciPreto

Relativo porque ninguém segura em uma forma só
 Uma hora tem trança outra um corte na régua ou um
 Black
 Pode inventar o que for vai ficar tão lindo quanto a cor
 da pele

E tem racista querendo desmerecer o ConheciPreto?
 Entendo, é no cabelo deles que as tranças não pegam e
 aí entram em desespero
 Vocês estão percebendo a profundidade do termo?
 Como ninguém nunca falou desse tal ConheciPreto?

Falou sim, só não usaram essas palavras
 Era isso que Dragão do Mar, Marielle e Luther King
 falavam
 Era isso que Nina Simone e Sabotage traziam na voz
 É sobre isso que o Emicida e Mano Brown fala quando
 diz ÉNOIZ

O ConheciPreto é um termo que vai ficar famoso
 Aí desmerece não, acredita em mim seu moço
 Sabe por que? Porque a cada dia eu vejo um preto
 ajudando o outro e a outra
 Vai ficar tão famoso que vai fazer racista calar a boca

Se preparem que tá chegando com várias vertentes:

Pretagogo, HistoriaPreto, FilosoPreta e AgroPreto
 Pra você que é negra ou negro me escute
 Desmerecer o nosso passado é crime e pro branco que
 não gostou, ele que lute!
 Mas se for lutar já te deixo avisado, temos Rainha
 Pampa, Mike Tyson e Gabi Fernandes do nosso lado!

O ConheciPreto também traz ensinamentos atuais
 Como aos 5 anos o menor já tem que saber o nome dos
 pais
 Como “sempre leva a identidade” e “só diz, sim
 senhor”

Até hoje ele nos livra contra o opressor
 Temos muito que ensinar, sem tempo cara de defunto
 E se preparem que o ConheciPreto vai mudar o mundo!

(JPRETO, 2020)

INTRODUÇÃO

“Dedico essa pesquisa a cada pessoa negra que foi lesada pelo sistema racista na qual somos inseridos/as desde o nosso nascimento. Que os resultados e frutos desse trabalho possam influenciar para a melhoria de vida dos/as meus/minhas iguais. Dedico essa pesquisa de maneira específica a Maria Oliveira Ferreira, mulher negra e retirante nordestina que tive o prazer de chamar de vó e usufruir de todo seu amor e afeto enquanto estava em vida.”

É necessário já deixar evidenciado de início que não seguirei somente as normas cultas da escrita acadêmica em português, trabalharei também com uma escrita marcada pela linguagem de onde vim, uma linguagem mais descontraída e com marcadores linguísticos da oralidade, pois acredito que seja mais potente para atingir as ideias abordadas no presente trabalho.

Considero um desafio começar a produzir um trabalho que se desenvolva com aspectos da oralidade, tendo em vista como fui educado, muitas vezes encorajado a acreditar que a escrita necessita da norma culta e de regras para seguir um único caminho e que a oralidade não cabia nesse mesmo, vista como deslocada ou fruto de uma má educação. Porém, foi no contato com a minha ancestralidade afro-latino-americana que descobri pensadores/pensadoras que produzem materiais acadêmicos, sem deixar a oralidade de lado, como uma espécie de tradição viva que deve ser mantida.

O grande mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya, Tierno Bokar, tem uma fala eternizada nos escritos denominados de “A Tradição Viva” , do autor malinês Hampaté Bâ (1980), que nos diz o seguinte:

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (BOKAR, Tierno apud. BÂ, 1980, p. 167.)

Destaquei essa fala para dar início a uma reflexão sobre a hegemonia da forma escrita de comunicar conhecimento, que por muitas vezes padroniza e silencia muitas vozes dentro da universidade. Então, já é importante evidenciar que, em minha visão de mundo o saber transcende a escrita, a construção de sábios vai para além da sua forma de escrita. Sabendo disso, já posso adiantar que as vivências e saberes adquiridos durante toda a minha trajetória de vida estarão presentes neste trabalho para além das normas exigidas.

O diálogo com a produção de Hampaté Bâ foi crucial para que eu pudesse me embasar intelectualmente (e também espiritualmente) para desenvolver a estrutura de texto que quero trabalhar. Segundo o autor:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo -nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer que são a memória viva da África. (BÂ, 1980, p. 167)

O escritor nos fala sobre como a oralidade está vitalmente ligada à tradição africana, mostrando que a validade das informações e estudos podem estar ameaçados se a oralidade não for seguida. Se levarmos em consideração que o nosso país, Brasil, é o primeiro país mais negro fora do continente africano, como nos mostra a pesquisa feita por Janaina Azevedo (AZEVEDO, 2010) ao Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais - LADE, UFJF, em 2010, podemos perceber que a expressão da “Tradição Viva” abordada por Hampaté Bâ está muito presente entre os becos e vielas das nossas periferias, tendo em vista que foi fundando tais periferias que nossos/as ancestrais, africanos/as em diáspora, logo afro-latinos- americanos, conseguiram ter um mínimo de base para se reconstruir depois de todo processo colonial que os /as escravizaram. A palavra que vem na nossa oralidade tem poder no lugar onde cresci, sempre escutei ensinamentos como “um homem pode ter dois carros, mas não pode ter dois papos”, “A nossa palavra é igual a uma bala disparada, depois do disparo não existe volta.”, dentre outras falas que me mostravam que a nossa palavra dita, tem poder e requer responsabilidades.

Por conta da hegemonia colonial europeia, das mentiras e golpes aplicados pelo sistema colonial europeu/ocidental, a palavra dita/falada foi caindo em perdição, em descaso, pois o valor foi dado à palavra escrita. Contudo, nas periferias nós sabemos que ela ainda tem muito valor. A sua fala vai definir quem você é e quanto de respeito você terá, se for um mentiroso nem se “cria” e passará a ser lembrado como tal e isso Hampaté Bâ nos mostra como nós, negros e negras diaspóricos/as estamos ainda conectados/as com as tradições do continente mãe: “Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra.” (BÂ, 1980. p. 168).

Sou o primeiro da minha família a entrar em uma universidade pública, o único dos meus amigos de infância que está tendo oportunidade de realizar uma pesquisa e escrever um

trabalho acadêmico. Muitos dos meus amigos de infância sofreram e não conseguiram se adaptar a um sistema escolar que não acolheu suas existências plurais. Um sistema escolar marcado por corrupção e outros métodos fraudulentos que induzem seus alunos/as a desistir de se fazer presente naquele espaço de aprendizagem. Trago comigo também alguns dos meus familiares que não continuaram seus estudos por conta da necessidade de trabalhar, pessoas importantes que não tiveram e ainda não tem contato com, literatura, prosa, poesia.

É carregado com essas vivências que desenvolvi uma ideia, um termo, o ConheciPreto. Minhas vivências nutriam essa ideia dentro de mim mesmo que inconscientemente, porém foi na universidade que tive a oportunidade de desenvolver a mesma. O ConheciPreto nasce nesse contexto de “desinformação intencional”, e é sabendo disso que a ideia se estrutura na oralidade, para que essas pessoas tenham espaço dentro dele, para que as produções não se limitem aos muros das universidades. É por ser pioneiro que vou tentar abrir caminhos com esse ConheciPreto para que a pluralidade presente nas periferias, e especialmente nos corpos negros seja nutrido de tal forma que um padrão só de conhecimento não será suficiente para tantas possibilidades.

Para não se tornar refém de interpretações erradas ou até mesmo maldosas é de extrema importância salientar que o ConheciPreto é uma ideia que vem para agregar. Mas pode vir à tona a pergunta “se é para agregar, para que criar um conhecimento só para a população negra?” Eu explico, o termo “ConheciPreto” não é uma forma de conhecimento “SÓ” para a população negra, é uma ideia que tem como intenção reconhecer e organizar todos os tipos de saberes criado pela população negra e que foram “apagados” ou negados por essa ideia atual de “conhecimento”.

Renato Nogueira (2010) fala sobre a afrocentricidade no mesmo sentido, quando diz que o “centro”, o “afrocentrado”, é usado para que o indivíduo possa se localizar e ter contato com suas referências históricas e culturais. Este centro serve para que os saberes africanos e afroreferenciados não caiam em marginalização ou que não sejam invisibilizados e que também não tenha que invisibilizar ou desmerecer outras referências(NOGUEIRA, 2010, p.3). Criar o ConheciPreto é criar uma forma de catalogar, registrar, divulgar, acolher e blindar nossas produções de conhecimento.

Sou um artista assumido desde o ano de 2019 e com isso me recordo muito bem de todas as demandas e processos que estavam presentes comigo ou melhor em mim. E desde o começo me comprometi em avaliar a potência das minhas produções, até que no dia 15 de Abril de 2020 desenvolvi uma poesia que seria um divisor de águas, tanto para mim quanto para aqueles e aquelas que acreditam em mim. Tal poesia se chama “ConheciPreto”(a poesia

que consta no início do presente trabalho), desde o ponto final que dá o desfecho da poesia, não consigo mais imaginar como seríamos sem o ConheciPreto, sem sua essência.

Foi com o ConheciPreto que comecei a idealizar e desenvolver meu projeto mais empolgante que se chama “Teias de Anancy¹”, um projeto educativo que tem como pilar principal contar a história de heróis e heroínas da população negra que foram invisibilizados/as por essa forma de conhecimento branca.

Antenor Firmin(1850-1911), Juliano Moreira(1873-1933), Esperança Garcia(1751-?), Marianna Crioulo(1808-1839/40), Aqualtune(??-1677), Xica Manicongo(1591-??), dentre outras referências, são pessoas lembradas semanalmente ao longo do programa na intenção de fazer com que a população negra tenha em quem se inspirar, que pessoas negras tenham onde buscar suas fontes, que pessoas negras possam cada vez mais ter a oportunidade de olhar para o passado e não acreditarem que descendem de escravos, mas sim de pessoas fortes, inteligentes e bonitas que foram violentadas pelo sistema colonial.

Escolhi Anancy para representar este projeto por conta da sua história, uma divindade que vem dos povos Akan de Gana e por conta da colonização se espalhou por partes da América, sendo mais famoso entre as populações de Nova Orleans(EUA) e vai até as Guianas do sul e pacífico colombiano (DUNCAN, 2015, p. 68).

Essa divindade tem muitas versões e histórias a seu respeito, mas o único feito que está presente em todas suas versões é o de ser responsável por levar as histórias para a humanidade, o “tecedor de histórias do universo” (DUNCAN, 2015, p. 68). Então foi conhecendo mais sobre os povos Akan e essa divindade que vi a oportunidade perfeita para pôr o ConheciPreto em prática, eu seria essa representação de Anancy e contaria histórias a quem se interessar, mas não qualquer história, as histórias de heróis e heroínas do povo negro. A fim de inspirar outros/as Anancys por aí, desenvolvo os roteiros de acordo com minhas pesquisas, mas também por meio de histórias de pessoas negras que encontro em minha caminhada. Hoje o programa já conta com 19 episódios e uma potencialidade incrível entre as pessoas negras e não negras das periferias de Fortaleza.

Não é preciso ir muito longe para perceber que a população negra não tem muita visibilidade nas produções de conhecimento mostradas para nós desde pequenas(os) nas instituições educacionais e nas produções midiáticas, televisivas, cinematográficas. Se seguirmos o padrão da educação aqui no Brasil podemos observar que a presença branca é hegemônica, se olharmos para o ensino de história, por exemplo, podemos notar que, na maioria dos casos, é oferecido para o corpo discente a narrativa branca da história. Desde a

¹ Os episódios do Projeto “Teias de Anancy” podem ser encontrados em:
<https://www.instagram.com/jpret0/>

invasão dos portugueses a esta terra, contando seus costumes, seus feitos e seus triunfos que faz com que seja produzido em nossas consciências uma espécie de sentimento de agradecimento aos mesmos, não importa se povos originários que aqui já viviam foram extintos, se houve o sequestro de quase 5 milhões de pessoas e dentre outras atitudes fraudulentas e baixas. Em muitas narrativas passadas pela escola, o branco europeu vai estar no foco da história como o descobridor que constituiu a civilização brasileira.

Por muito tempo o Ocidente, representado por Europa e EUA (Estados Unidos da América) na maioria dos casos, se coloca como o centro de todos os saberes. Tal construção fez com que muitas produções intelectuais, artísticas e dentre outras, produzidas por mãos e mentes negras, ameríndias, orientais, se perdessem nas beiradas do mundo científico ou melhor nas margens.

Mas é a partir do pensamento de Nogueira (2010) que podemos entender que nossa realocação para o centro não pode ser contestada e muito menos comparada com essa hegemonia branca. Visualizo o ConheciPreto como um pilar importante para (re)posicionar nossos saberes em prol do nosso centro, nas nossas comunidades, e demonstrar que a partir daí é a ciência branca, a medicina branca, a literatura branca, a arte branca, que vão ter que se acostumar com a nossa ciência que também se desenvolve a partir da nossa oralidade, como a medicina ancestral se desenvolve e oferece melhoras para o corpo e alma e como nossa arte que tende a usar percussão, batidas e movimentos vai se desenvolver tanto a ponto de que ficar parado e se manter em um "padrão de comportamento" não será mais necessário. É com teorias como a de Nogueira, Lélia Gonzalez (2020) e sua noção de "Pretuguês", a de Abdias Nascimento (2019) e a noção de "revolução negra" onde o mesmo acreditava que é essa mesma revolução que irá produzir seus/as próprios/as historiadores/as, sociólogos/as, antropólogos/as, pensadores/as e cientistas políticos. É a partir dessas noções de revolução produzidas por pessoas negras que podemos finalmente começar a fomentar nossa utopia alcançável em prol do nosso centro.

Podemos começar a observar o início da composição das nossas comunidades Afro Centradas que negam a marginalização e abandono intelectual impostos pelo ocidente, é a partir dessas teorias que irão surgir nossas comunidades que produzem ConheciPreto, onde se produz, legítima, blinda os saberes científicos/artísticos/revolucionários dos/das que vieram antes de nós e faz isso na intenção de construir uma base para os/as que ainda estão por vir.

É de extrema importância deixar evidenciado que a ideia do ConheciPreto faz reverência a nossos ancestrais que desenvolveram o movimento Pan-Africanista. Foi com Edward Burghardt Du Bois, Marcus Musiah Garvey que pudemos começar a pensar "e se...";

e se nós formarmos nossa própria educação? Nossa própria economia? Como pensador do ConheciPreto reconheço o valor de cada ideia adotada pelos mesmos, mas acredito que o ConheciPreto está para além do Pan-Africanismo.

Criem suas próprias repúblicas (FANON, 1969), é assim que o psiquiatra martinicano nos convida a trabalhar nossa revolução, criar nossos espaços, nossas ideias, nossos motivos para lutar e para viver. Essa frase foi um estalo, nossa população negra, nossos ancestrais, já produziram e produzem até hoje muitos saberes que transcendem a ideia do universal, temos a capacidade de criar novas perspectivas e já fazemos isso.

Então falar do ConheciPreto é falar de uma forma de organização dos nossos saberes ancestrais e contemporâneos, é não deixar a voz de Lélia Gonzalez (1935-1994) dividindo espaço e às vezes até sendo colocada como inferior em relação a produtores de conhecimento que tinham seu caráter duvidoso ou eram completamente racistas e misóginos. Podemos imaginar como se estivéssemos em uma sorveteria e só fosse possível saborear os sabores (saberes) tradicionais da sorveteria branca, em hipótese alguma você poderia consumir outros sabores(saberes). Até que em um belo dia chegasse na sorveteria um sabor novo e acessível ao consumo, um sabor diferente do habitual e quem sabe até melhor! Então é desse modo que o ConheciPreto se apresenta a nós, não como fontes de saberes que ditam o que consumir e como consumir, ele se apresenta como oportunidade, encruzilhada, possibilidade.

Por muito tempo fomos obrigados a consumir um único tipo de conhecimento, apresentados a um único tipo de intelectualidade, o que é empiricamente comprovado por mim. Nas escolas que estudei foi bastante comum estudar apenas os homens brancos, mesmo com a lei 10.639/03 existindo. O ConheciPreto vai vir para dar mais uma opção nesse cardápio, quem não gostar fique com o tradicional e arque com as consequências de seus atos e pensamentos e quem gostar? Venha se lambuzar com esse sabor ancestral de saberes.

A ideia do ConheciPreto dialoga com os pensamentos decoloniais, na verdade acredito que o ConheciPreto seja uma perspectiva destes pensamentos. A colonialidade apresenta características pontuais que se destacam pela: heteronormatividade, a misoginia, a veia cristã sanguinária, a construção do belo/feio, a criação da superioridade em relação às populações não europeias/ocidentais e pelo racismo, seja ele institucional, estrutural ou qualquer outro que possa se apresentar em meio a nossa sociedade e dentre outras formas de opressão que finda em um único ponto, o homem branco como centro, como superior. Para desmontar um sistema que carrega todas essas individualidades necessitamos de idealizações específicas para a construção de epistemologias que derrubem tais paradigmas dominantes, e o ConheciPreto se apresenta como uma dessas formas. Catalogando e produzindo trabalhos que

sigam fazendo referências a personagens da população negra, podemos construir ainda mais espaços seguros para que os nossos e as nossas tenham o reconhecimento do que é seu por direito. Assim, o ConheciPreto dialoga com o pensamento da “sociologia das ausências” de Boaventura de Sousa Santos que foi apresentado a mim por meio da Professora Nilma Lino Gomes(2019); Nilma descreve essa sociologia como:

A sociologia das ausências consiste numa investigação que visa demonstrar que aquilo que não existe é, na realidade ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe. O objetivo da sociologia das ausências é transformar ausências em presenças. (SANTOS, 2004 apud. GOMES, p. 40, 2019)

A ideia de Santos que me foi apresentada pela primeira reitora negra de uma Universidade Federal é de extrema importância. O ConheciPreto será a ferramenta para evidenciar os saberes da população negra que são tidos como inexistentes. A partir dessa motivação que se desenvolveu a questão inicial desta pesquisa, “O ConheciPreto está presente no currículo do curso de História da Unilab?”. Se tenho a intenção de desenvolver o termo como uma ferramenta antirracista/anti epistemicida, o primeiro passo é verificar se essa ferramenta está presente ao meu redor, logo, no curso de História e seu currículo. Essa questão de pesquisa traz como objetivo o ato de identificar se o curso de História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira segue o projeto de fundação que se compromete na construção dos mais variados saberes, logo, na utilização de referências que saiam da experiência branca universal ou se a estrutura colonial marcada por esta mesma experiência branca, mais uma vez, está apagando referências negras de seu currículo.

Graças ao curso de Bacharelado em Humanidades e seu modelo de dois ciclos, suas referências diversas e a interdisciplinaridade proposta pelas componentes curriculares no primeiro ciclo, pude desenvolver a capacidade de questionar tudo que está ao meu redor, quem sabe em pesquisas futuras possa haver uma pesquisa mais aprofundada sobre o currículo do BHU em comparação com o da História, ou das outras terminalidades do segundo ciclo.

São inúmeros/inúmeras cientistas, intelectuais, artistas, musicistas que caíram no apagamento e ainda caem nos dias de hoje, a ideia do ConheciPreto, que já se desenvolve com o Teias de Nancy, é ir buscar esses saberes e levá-los ao mundo, questionando padrões impostos, derrubando falsos heróis, e demonstrando que o mundo não é composto por fronteiras que delimitam e privam, isso é tática do colonizador. Mas sim, é composto por encruzilhadas, teias de possibilidades diferentes que no final se conectam mas não perdem suas especificidades.

Enxergo o ConheciPreto como uma ferramenta da Lei 10.639/03, para que as escolas possam repensar seus currículos. A alegação recorrentemente utilizada de que “não existem estudos sobre os assuntos” que a lei tenta abordar, não tem mais sustentação, o ConheciPreto pode ser o lar das referências e comprovações da construção de saberes ancestrais que dialogam com a contemporaneidade, e não seria feita só por mim, meu trabalho só tem a intenção de acender mais uma fagulha, um estalo de ideias. Pessoas que vieram antes de mim já pensaram, produziram e viveram algo parecido, Dra. Vera Rodrigues, Dra. Nilma Lino Gomes, Molefi Kete Asante, Lélia Gonzalez, Antenor Firmin, Cheik Anta Diop, dentre outros/outras já falam/falavam dessa organização, eu estou dando contribuições e também tentando pensar no melhor jeito de abrir caminhos para que cada vez mais tenhamos referências negras a nosso alcance, nas ciências, política, arte...

ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Organizo o meu processo de pesquisador em formação e o da pesquisa em si, em três atos: *Inquietação*, *Encruzilhada* e *Possibilidades*. O primeiro ato corresponde à *inquietação* que tive, enquanto uma pessoa negra, estudante de ciências humanas, diante do sonho de cursar História e fazer dessa formação minha carreira profissional. Esse primeiro momento pode ser interpretado como aquele estalo de dúvida que temos enquanto estamos no ônibus, metrô, chuveiro. Tal inquietação foi o impulso para que eu partisse na busca de fontes bibliográficas que me dariam um caminho inicial para o desenvolvimento da pesquisa. A partir desta inquietação e deste levantamento de fontes pude partir em busca da criação de um estado da arte para começar a estruturar a presente pesquisa. Essa inquietação tomou fôlego a partir das pesquisas por dados feita por meio de uma pesquisa documental, onde se foi analisando informações que já foram registradas.

O segundo ato, *encruzilhada*, fase de maior exploração e organização de dados, foi aquele momento no qual as inquietações se encontraram com as ideias, as referências teóricas chegam para dialogar comigo e com a proposta do conheciPreto. Podemos interpretar este ato dentro da pesquisa como a real ideia de uma encruzilhada onde ela apresenta variáveis caminhos, variáveis pontos de partida mas sempre se encontram em um ponto comum. Este ato foi o momento de diálogo com outras produções científicas no intuito de entender de onde elas vêm, dos pontos de partida mais variados, porém com um ponto de encontro em comum, o de apresentar ideias que se entrelaçam com o ConheciPreto.

O terceiro ato, encarado e denominado como *Possibilidades*, é aquele momento que os resultados analisados apresentam outras novas inquietações só que com um entendimento

maior das questões abordadas, é criado uma teia de possibilidades a partir dos resultados. Esse ato se configura como aquela fase de estudo dos dados coletados e de tecer algumas conclusões preliminares, entendidas como caminhos possíveis. São inferências que surgiram a partir da análise de dados, dos resultados, daquilo que os documentos revelaram para mim enquanto pesquisador acadêmico em formação e também como homem negro. Nesse ato, está incluída a fase da análise de conteúdo. Esta foi a abordagem utilizada para o tratamento dos dados, que, com base em e Bardin, foram categorizados a partir de sua orientação, *organização, codificação e categorização*. (BARDIN, 1977)

A pesquisa documental que, segundo Oliveira (2007), é um tipo de pesquisa que tem como objetivo a análise de documentos, esse modo de fazer análises visa buscar em documentos já registrados as informações necessárias para o desenvolver de uma pesquisa. O modo de análise deste tipo de pesquisa pode ser dividido na análise de fontes primárias e secundárias, onde a primária se configura como os documentos institucionais, no caso desta pesquisa que estou desenvolvendo, o documento analisado é o PPC do curso de História da UNILAB. Já as secundárias são as produções científicas que discorrem sobre essas fontes primárias. Esse tipo de pesquisa foi o que guiou esses 2/3 atos da pesquisa, estando presente no primeiro ato de forma que deu as inquietações um ponto focal para garimpar onde se poderia dar início a coleta de dados e assim chegando ao documento institucional do PPC do curso de História. E também no terceiro ato no momento da produção dos resultados onde para apresentar esses resultados foi preciso analisar a fundo os documentos do PPC.

1ª fase	2ª fase	3ª fase
Inquietação	Encruzilhada	Possibilidades
Levantamento bibliográfico Levantamento de fontes e dados. (Por meio da Análise Documental) Elaboração do Estado da Arte. Conceituação Conhecipreto	Diálogo com outras produções. Discussão teórica	Análise de dados, Produção de resultados.(Por meio da Análise Documental)

A presente pesquisa deve ser entendida como uma pesquisa de cunho qualitativo, pois, conforme OLIVEIRA(2007), foi desenvolvido uma série de processos de reflexão, questionamentos e aprendizados em relação ao currículo de História. A abordagem qualitativa está sendo abordada por possibilitar com que seja possível olhar para os dados e poder entender os mesmos dentro de uma complexidade histórica de muitos significados para as pessoas envolvidas no processo de análise. A partir da pesquisa qualitativa é possível qualificar os dados partindo do entendimento de uma sociedade racista que faz com que o

currículo obrigatório de um curso de História apresente também práticas racistas a partir das referências bibliográficas presentes em cada componente. Assim, podendo dar amplitude ao trabalho de compreender a estruturação deste documento e como essa mesma estrutura afeta o ConheciPreto.

DENUNCIAR EPISTEMICÍDIO PARA ANUNCIAR O CONHECIPRETO

Para chegar ao estágio em que o ConheciPreto se encontra hoje, nessa ideia formada e animadora, foram necessárias inúmeras vivências, leituras e diálogos. Pois não estou só, sempre estou acompanhado pela ancestralidade que me impulsiona a produzir, e com essa ideia não foi diferente. Ousei conceituar um termo, mas existem muitas produções que conversam com a ideia do ConheciPreto, com iniciativas bem formadas e promissoras.

É interessante deixar nítido que o ConheciPreto, de forma geral, surge como uma ferramenta que deve ser utilizada para o combate ao racismo e suas áreas de atuação, áreas essas que a escritora Grada Kilomba delimita como: racismo estrutural, que é quando o sujeito negro é sempre visto como diferente dos grupos que detem o poder, logo não podendo estar em determinados espaços. O racismo institucional é outro modelo de racismo que a autora destaca junto com o racismo cotidiano (KILOMBA, 2008). É necessário entender o racismo a partir de uma relação de poder que se estruturou a partir dos modelos de dominação europeus. (KILOMBA, 2008).

É partindo deste entendimento sobre o racismo e suas configurações a partir das relações de poder, que podemos entender como o mesmo mantém sua lógica de apropriação sem fim. Com os métodos de construção de saberes não foi diferente, o racismo proporciona diariamente o assassinato de saberes construídos a partir da afroperspectiva e tal ato de extermínio é denominado como epistemicídio.

Sobre esse termo a filósofa Sueli Carneiro (2005) o entende como o ato de negar a população negra a possibilidade de serem detentores de saberes, sujeitos de conhecimento. Para a escritora, o epistemicídio vai além da desqualificação e anulação do conhecimento das populações oprimidas apontado por B.S. Santos (SANTOS, 1995, p. 328, apud. CARNEIRO, 2005, p. 96). A filósofa vê o epistemicídio como a produção de pobreza cultural, onde o resultado dessa produção fraudulenta e violenta se reflete nas evasões escolares de base, ou melhor dizendo a expulsão da população negra e periférica desses espaços de construção de saberes, na inferiorização intelectual, no rebaixamento da capacidade cognitiva e no comprometimento da auto estima do sujeito negro nas áreas de construção de saberes (CARNEIRO, 2005).

Devemos entender o epistemicídio como a tentativa de assassinato da nossa mente, dos nossos saberes passados de geração para geração. O epistemicídio é o assassinato daquela receita caseira de vó para dar lugar a uma receita inventada por um homem branco, é o assassinato daquela lembrança feliz com seu preto velho que é capaz de trazer ensinamentos e a implantação de uma memória “mais produtiva” que algum homem branco falando com você. O epistemicídio é a tentativa de assassinato dos nossos afetos, ensinamentos e saberes ancestrais.

Produzir trabalhos acadêmicos utilizando o ConheciPreto ou outra forma de resistência intelectual que nossa população vem desenvolvendo e desenvolve até hoje, é se comprometer a combater o epistemicídio e esse racismo intelectual que se instala e oprime corpos e mentes negras dentro das instituições de ensino.

Ao fazer os levantamentos bibliográficos para a construção do presente trabalho, me deparei com um artigo e um ensaio que me chamaram a atenção e se fizeram ConheciPreto mesmo sem tal termo ser utilizado pelos/as autores. O primeiro, publicado em 2021, na Universidade de Viçosa em Minas Gerais - UFV, produzido pelas mestrandas Beatriz Gomes Cornélio e Lillian Ferreira Rodrigues e o mestrando Matheus Silva Freitas junto com a Dra. Monalisa Aparecida do Carmo, intitulado: “Enegrecendo as referências: Intervenções possíveis do movimento negro na educação brasileira”, é resultado de um curso promovido na UFV que se chamava “Enegrecendo as referências: epistemicídio, descolonização e intelectuais negras/os”.

Tal curso teve como intuito promover diálogos sobre como o Movimento Negro tencionou e tenciona mudanças no nosso sistema de educação e questionamentos sobre o por que de referências negras acabarem sendo apagadas por esse sistema racista de educação e pela ideia de conhecimento branco/hegemônico.

Essa pesquisa evidencia as ausências de referências negras no âmbito do ensino superior denunciadas pelas lutas do movimento negro brasileiro, dando ênfase naquelas que elegem uma educação formal, afim de combater o epistemicídio nos currículos das instituições de ensino superior brasileiras. Tal pesquisa apresenta uma proposta de racializar as referências do ensino superior, logo racializar os currículos destas mesmas instituições.

Por que temos um reduzido número de autoras/es negras/os em nossas bibliografias? E por que temos um elevado número de autoras/es brancas/os em nossas bibliografias? Essas são algumas questões que nos instigam e acompanham no ambiente acadêmico, perpassando salas de aula, ementas das disciplinas e as prateleiras das bibliotecas.(CARMO; CORNÉLIO; FREITAS & RODRIGUES, p.8 2021)

Racializar os currículos, identificando o branco e o preto, é de extrema importância para que as populações historicamente oprimidas, nesse caso a população negra, possa entender como o sistema educacional vigente, que assassina e vela saberes, funciona. Ao entender sobre como esse sistema prejudica a população negra, a mesma vai poder desenvolver mobilizações, métodos e saberes que desmembre o padrão branco colonial europeu que se faz presente nas referências do ensino superior.

As ideias desse coletivo de pesquisadores dialoga com o ConheciPreto no fato de que estão praticando o **ato de denunciar**, um pilar fundamental na construção do termo, junto com o **ato de anunciar**, o ato de destacar novas referências e possibilidades, tais pilares que dialogam com a ideia de Paulo Freire (1986) sobre promover a denúncia do que acontece no presente e anunciar o futuro. Evidenciar, questionar, jogar uma luz, retirar o rótulo de inexistente das produções potentes concebidas pelo povo negro, essas características abordadas no artigo dialogam e se entrelaçam com a construção do ConheciPreto.

O citado artigo também traz para a discussão a lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da "História e Cultura Afro-Brasileira" nas escolas como caminho para enegrecer os currículos. Porém, é importante lembrar do alerta que nos faz Nilma Lino Gomes: "Nessa perspectiva, vale dizer que essa lei não visa apenas à inclusão de 'mais' ou 'novos' conteúdos nos currículos, mas de uma mudança e transformação sistêmica, epistemológica e política." (GOMES, 2012, p. 106).

De fato, não podemos pensar que a inclusão racial negra de uma ou duas referências nos currículos escolares e acadêmicos ataca a raiz do problema do racismo epistêmico e científico, pois seria apenas mais uma forma de silenciamento.

Na minha infância, frequentei uma locadora de vídeo games por muito tempo e quando uma criança fazia escândalo para jogar nos aparelhos, os mais velhos lhe davam um controle quebrado para construir a ilusão de que a criança estava jogando e assim deixá-los em paz. Essa memória se encaixa muito bem na discussão. Pensar apenas na inclusão de algumas referências nos currículos escolares e acadêmicos seria aceitar o controle quebrado e abraçar a ilusão de que estamos passando de fase nesse jogo. Nós temos que tensionar mudanças concretas nas estruturas e assim não ficar só com um controle quebrado e um devaneio de fazer revolução, mas sermos donos/donas de um dos vídeo games.

A partir das demandas construídas pelo Movimento Negro brasileiro em prol da educação para a população negra, a pesquisa apresenta o início de um período favorável e oportuno para o combate do epistemicídio no meio educacional (CARMO; CORNÉLIO; FREITAS & RODRIGUES, 2021). Partindo do ponto da denúncia, as autoras do artigo

constatam a importância de evidenciar a hegemonia branca em meio às referências acadêmicas e passam a visão de que é a partir dessa denúncia que os currículos vão ter a possibilidade de serem enegrecidos. Algo no desfecho da pesquisa que é importante destacar é o fato de que as autoras afirmam que:

Ressaltamos que a presença destes/as não pode estar confinada somente às temáticas das relações étnico-raciais, mantendo assim a perspectiva que responsabiliza apenas sujeitos negros pela produção antirracista. A dificuldade de diferenciar autoria (intelectuais negras/os) de temática (relações étnico-raciais) se dá por ambas as dimensões serem historicamente silenciadas, sub-representadas e, na sua grande maioria, excluídas do ambiente acadêmico e escolar.(CARMO; CORNÉLIO; FREITAS & RODRIGUES, 2021, p. 11)

Pessoas pretas têm desenvolvido conhecimento em todas as áreas da ciência. A construção do ConheciPreto tem pretensão de e retirar da bolha da “temática racial” intelectuais negros/as que contribuíram para a História no geral, sem intenção de diminuir a importância das temáticas raciais, mas sim de engrandecer e dar o devido valor aos saberes negros construídos ao longo da História e que não são levados em consideração.

O segundo trabalho que me chamou atenção foi o ensaio produzido pelo doutor em Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro - UFRJ, professor Luís Thiago Freire Dantas, com o título “Enegrecer a universidade para vivenciar o conhecimento”. O autor nos apresenta questionamentos ao sistema curricular do curso de filosofia e a enorme dificuldade da universidade em dialogar com autores fora do seu cânone (DANTAS, 2021). O fato dessa dificuldade de diálogo existir dentro das universidades faz com que outras epistemologias acabem sendo excluídas do meio acadêmico.

A pesquisa de Dantas questiona a construção dos currículos hegemônicos no curso de filosofia, onde a existência de cânones brancos europeus é latente e indispensável em meio às referências que são estudadas no curso. A partir do ato de trazer referências negras e descoloniais para seu texto, o autor começa a discorrer sobre as problemáticas da existência dessas referências brancas. Seu texto dialoga com intelectuais como Grada Kilomba, Luiza Bairros, Ivy Goduka e Santiago Castro Gómez.

A partir da teoria da “hybris do ponto zero” desenvolvida por Gómez (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 83), Dantas dá início a uma análise de como a ciência acadêmica se compromete com uma neutralidade intelectual que acaba por expulsar, apagar e até mesmo assassinar os demais conhecimentos ou ConheciPretos que possam se fazer resistência em meio às áreas de estudo da academia. A tal Hybris do ponto zero se configura como a incansável tentativa das ciências brancas de apresentar uma espécie de neutralidade científica, compondo a ideia de generalização em relação a debates que pedem pesquisas específicas, é uma espécie de post no instagram no dia Consciência Negra que diz “TODAS

AS VIDAS IMPORTAM”. É com essa tentativa de neutralidade, de pensar que “somos todos iguais” que as universidades acabam por assassinar em seus currículos possíveis epistemologias que poderiam dar frutos nos cursos da instituição e no caso de Dantas, no curso de filosofia.

Com base neste entendimento sobre a hegemonia branca e seu método operante na academia, Dantas alerta que graças às lutas constantes da população negra a ineficácia do conhecimento quando se resume a uma “imagem padrão” está tomando formas mais robustas, pois nossa população negras está entendendo como essa imagem padrão é incapaz de abarcar todas as muitas outras epistemologias que existem. As universidades necessitam se afastar do ato de manter os cânones hegemônicos europeus em seus currículos, em suas estruturas, para que outros tipos de saberes, como o ConheciPreto, possam florescer não só no curso de Filosofia, mas em todas as instituições de ensino.

Acredito que não poderia existir um ambiente melhor para desenvolver meu trabalho do que a UNILAB, uma universidade que faz integração com estudantes de alguns países do continente africano, uma universidade que conseqüentemente irá ter a presença do corpo negro em seus corredores, salas de aula, refeitórios & etc. A UNILAB se sustenta nos pilares da integração afrodiáspórica para desenvolver conexões de saberes científicos, econômicos e políticos com os países africanos que falam a língua portuguesa. Cada linha escrita desse projeto carrega a luta travada pelos Movimentos Negros brasileiros em função de educação de qualidade aos afrodescendentes que aqui nessas terras ainda se encontravam/encontram. Estabelecer uma linha de diálogo entre nossas vivências nacionais e as várias etnias que se fazem presente em cada país, em cada região do continente africano é estabelecer uma brecha, uma possibilidade de descolonizar as estruturas das universidades que resistem em ser brancas, normativas e excludentes, que insistem em utilizar da experiência branca para invisibilizar o ConheciPreto.

O EPISTEMICÍDIO DO CONHECIPRETO NO PROJETO POLÍTICO CURRICULAR DO CURSO DE HISTÓRIA

Esta pesquisa foi desenvolvida partindo de vários questionamentos e inquietações que se apresentaram durante minha passagem pelo curso do Bacharelado em Humanidades, entretanto a questão que deu maior dimensão e que mobilizou a investigação realizada foi, “O ConheciPreto está presente no currículo do curso de História da UNILAB?”

Os resultados que se apresentam abaixo são produto da análise de documento e de conteúdo do Projeto Político Curricular-PPC e das quatorze componentes obrigatórias do

curso de História da UNILAB, que correspondem a 1.260 horas (37% da grade curricular), do total de 3.345 horas necessárias para conclusão desta graduação. Componentes optativas, eletivas e o estágio supervisionado não foram analisadas.

O Projeto Político Curricular do curso de História é um documento onde consta todas informações relacionadas ao curso e como o mesmo opera dentro da UNILAB, sua versão mais atualizada foi lançada em 2018 pelos meios de comunicação da universidade. Neste documento consta a duração mínima e máxima de conclusão do curso que gira em torno entre 4 e 5 anos e meio, sendo o curso de modalidade presencial. O PPC apresenta também a contabilização de todas as horas necessárias para a integralização do curso, que corresponde a 3.345 horas distribuídas entre disciplinas obrigatórias, optativas e os estágios na área.

No documento também consta as justificativas em relação a criação do curso, os pontos norteadores que foram importantes para a construção de todo o PPC, objetivos, fundamentação metodológica, formas de ingresso no curso, dentre outros tópicos necessários para a composição final do documento. Também é possível ter acesso ao Núcleo Docente Estruturante(NDE) que se caracteriza pelas pessoas responsáveis pela criação do documento. É possível identificar 6 nomes em destaques, desses nomes se apresentam 4 homens (2 brancos e 2 negros) e duas mulheres (ambas brancas).

Inicialmente, foi feita uma análise geral do conteúdo e da estrutura do documento e depois, o aprofundamento na estrutura curricular, fluxograma e ementário, com base na organização da análise de dados de Bardin (1977) que seguiu a ordem da *pré análise, a exploração do material* e o momento do *tratamento dos resultados, interferência e interpretação*. (BARDIN,1977, p. 95).

Foram analisados todos os nomes de autores e autoras presentes no currículo obrigatório do curso. Em seguida, cada pessoa teve seu nome rastreado no Google Imagens para que seus traços fenotípicos fossem analisados a partir dos critérios das bancas de heteroidentificação (cabelo, boca, nariz, tonalidade da pele). O conteúdo bruto contido no PPC foi sendo codificado e se tornando apto a uma análise mais detalhada das características de cada referência contida no documento. Partindo de uma perspectiva racializada foi possível começar a desenvolver interferências e interpretações em relação às informações presentes no currículo.

Organização da análise Bardin (1977)	
Pré-análise	-Período de intuições, início de uma sistematização das ideias iniciais. -Escolha dos documentos para a análise. (PPC do curso)

Exploração do material	-Momento em que as informações foram codificadas. -Onde se deu início a lapidação das informações “brutas” presente no documento analisado(Currículo Obrigatório) -Fazendo recortes de pontos importantes e os organizando para melhor entendimento do pesquisador.(Análise das referências presente no currículo)
Tratamento dos resultados	-Momento da compreensão dos dados extraídos e organizados. -Início da formulação de hipóteses. (ConheciPreto apagado do currículo)
Inferência	-A partir do entendimento dos dados extraídos e de como epistemicídio opera foi presumido que o ConheciPreto sofre com o racismo presente na estrutura curricular.
Interpretação.	-Os dados apresentados como resultados da análise do PPC do curso sustentam a hipótese do ConheciPreto e seu possível apagamento.

Os dados encontrados e analisados, dentro de uma perspectiva racializada, demonstram como o racismo opera dentro da estrutura curricular do curso de História e demonstra que até mesmo em um curso de uma universidade negra e africana, a experiência branca continua a nutrir o racismo epistêmico.

O primeiro destaque a fazer é a quantidade de referências bibliográficas básicas das disciplinas obrigatórias. A priori, serão elas as indicações principais de leitura e estudo de cada matéria. Foram constatados **176 nomes** de intelectuais, distribuídos em **14 disciplinas**, e suas respectivas produções que totalizam **162 obras**. O PPC, apresenta para cada disciplina, uma lista de referências básicas e outra de referências complementares, que devem ser aquelas que obrigatoriamente tem na biblioteca da universidade e/ou do curso.

De 176 intelectuais/cientistas, as nacionalidades mais presentes dentre estes indivíduos são **brasileiros/as (87)**, **Estados Unidos(18)**, **França(16)**, **Inglaterra(15)** e **Alemanha(7)**, **Moçambique(2)**, **Martinica(1)**, **Burkina Faso(1)**, **Gana(1)**. Dentre os/as brasileiros/as, nomes como José D’Assunção Barros e Martha Abreu são alguns nomes que mais se repetem em meio às componentes obrigatórias. Mesmo os números sendo favoráveis para com as produções brasileiras, a presença exorbitante branca em meio às referências continua a mesma, e acredito que seja importante dar uma breve situada sobre a branquitude e as problemáticas da sua massiva presença na grade curricular.

Segundo o professor Lourenço Cardoso a branquitude deve ser interpretada como um simbólico lugar de privilégios, a partir desse lugar de garantias surgem muitas colaborações a construção e reprodução do preconceito racial, da discriminação racial (CARDOSO, 2010). As pessoas brancas presentes em grande número nas componentes curriculares desfrutam de privilégios desde seu nascimento se levamos em consideração o racismo instalado em nosso país, então mesmo que as referências possam transparecer uma postura descolonizadora, elas

ainda continuam brancas e perpetuam a hegemonia branca no papel de transmitir conhecimento dentro da universidade.

Já analisando as relações de gênero, foram encontrados **138 pessoas do sexo masculino e apenas 38 do sexo feminino**, o que apresenta uma desigualdade gritante se analisarmos a distribuição de obras por gênero. Das 38 mulheres indicadas como referência para estudo, **apenas 3 são fenotípicamente negras**. São elas: Teresa Cruz Silva, Amélia Neves de Souto(Moçambique) e Linda Miranda Heywood(EUA). A presença da mulher negra dentre as referências do currículo de História da UNILAB é basicamente nula.

Na caça pelo ConheciPreto e seus/suas intelectuais, foram hetero identificadas apenas 18 referências negras, são elas: Stuart Hall(3), Frantz Fanon(2), Thomas C Holt(2), Mohamed Gamal el-Din Mokhtar, Joseph Ki-Zerbo(2), Pau Gilroy(2), Toyin Falola, Amélia Neves de Souto, Teresa Cruz Silva, Linda Miranda Heywood, A. Adu Boahen, Cláudio Furtado.

Na tabela abaixo apresento a configuração racial das pessoas que estão como referências bibliográficas nas bibliografias básicas e complementares:

Raça/Cor	N	B	A	NI
Nº de Referências	18	150	2	6

Legenda: **B** se caracteriza como todas as referências brancas, **N** como as negras, **A** de asiáticas e **NI** que representa “Não Identificado” o que significa que não foi possível encontrar informações no Google.

É importante para esta pesquisa levarmos em consideração algumas “premissas norteadoras” presentes no PPC do curso. São elas: “Interdisciplinaridade, interculturalidade e crítica e o evolucionismo na produção do conhecimento histórico.” (UNILAB, 2018: p. 25)

Na pesquisa realizada por Marcos Antônio Batista Silva e por Danielle Pereira de Araújo, em que ambos apresentaram uma análise dos currículos de História da UNILAB e da UFRJ e implementação da lei 10639/03, eles destacam estranhezas entre o PPC do curso, que tem seu embasamento nas premissas norteadoras já citadas, e a composição do currículo. O caso da ausência da população negra ou da simples menção da palavra “negro” foi um dos primeiros pontos a serem observado pelo pesquisador e pesquisadora:

O segundo ponto que nos chama atenção é em relação à preocupação com a ‘pluralidade cultural’ contida no Projeto Pedagógico. No mencionado texto, o termo “negros” aparece apenas duas vezes. A pouca referência ao grupo que compõe a maior parte da sociedade brasileira em um projeto pedagógico de um curso que pretende formar historiadores que consigam “pluralizar a história” e em uma universidade que nasce a partir de um intenso diálogo com o movimento negro brasileiro, em nossa leitura parece apontar limites acerca do questionamento acerca

da história pretensamente universal no Projeto Pedagógico. (SILVA; ARAÚJO, 2021, p. 71)

Outro resultado que se encruzilha entre a presente pesquisa e a desenvolvida por Silva e Araújo é sobre o olhar europeu sempre presente em meio às componentes curriculares.

Observamos o esforço em se distanciar da narrativa linear/evolucionista da produção do saber histórico ao verificarmos que por exemplo, que a primeira disciplina tem como tema “A antiguidade Africana, Médio Oriental e Mediterrânea” e não a Grécia Antiga, tema recorrente nos currículos escolares e das universidades, como vimos no caso do currículo da UFRJ. Entretanto, se é verdade que na estruturação do currículo não vemos a clássica divisão temporal, por outro lado, o encadeamento das disciplinas partindo da “antiguidade Africana, Médio Oriental e Mediterrânea” e passando pela “Guerra Fria” e “Expansão européia” nos parece evidenciar que os processos sociais elencados no currículo têm como referente a história desde um ponto de vista da Europa. (SILVA; ARAÚJO, 2021, p. 73)

Um Projeto Pedagógico Curricular que tem como um de seus princípios norteadores a “crítica ao eurocentrismo e ao evolucionismo na produção do conhecimento histórico” ainda traz em sua construção curricular referências históricas que partem de um ponto de vista branco europeu. Teoricamente fazem a denúncia, contudo, não anunciam na prática as referências negras.

Quando o pesquisador e a pesquisadora acima supracitados assinalam que os processos sociais do currículo tem como referência a história do ponto de vista da Europa é o momento que esta pesquisa se faz necessária para dialogar com o artigo. Substituir o “*nos parece*” por “*é verídico*” que as referências do currículo do curso tendem a apresentar pontos de vista europeus mesmo que a maioria das referências sejam brasileiras. A elite branca presente no Brasil e “implicitamente” ligada à educação brasileira faz com que a visão europeia neo colonial se faça latente mesmo em um ambiente com maior presença brasileira. Vendo estes resultados já se desenvolve uma questão em minha mente, “Teria como o curso se distanciar e questionar este olhar eurocêntrico e hegemônico do saber com tantas narrativas vindas do berço onde nasceu esse mesmo ponto de vista?”

Silva e Araújo escolhem a componente de Antiguidade africana, Médio-Oriental e Mediterrânea como uma disciplina que pode ser entendida como uma componente que foge do cânone, pois a componente é proposta como uma das primeiras a serem apresentadas no curso e assim quebrando a tradição de começar um curso de história tendo contato com as civilizações gregas, romanas, etc... o que também nos é proposto no PPC do curso, um afastamento dessas referências brancas eurocênicas. Porém, se analisarmos um pouco mais de perto a componente ainda apresenta narrativas brancas/europeias. Segundo dados levantados, nesta disciplina são apresentados treze referências bibliográficas, destas treze, apenas duas foram produzidas por pessoas negras.

71	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	FUNARI, Pedro Paulo	B	BR
72	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	JAEGER, Werner	B	ALE
73	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	MOKHTAR, Mohamed Gamal el-Din	N	EGI
74	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	PINSKY, Jaime	B	BR
75	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	SILVA, Alberto da Costa e	B	BR
76	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	SILVA, Semíramis Corsi	B	BR
77	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	BERNAL, Martin	B	ING
78	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	CARDOSO, Ciro Flamarion	B	BR
79	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	FUNARI, Pedro Paulo	B	BR
80	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	KI-ZERBO, Joseph	N	BF
81	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	REDE, Marcelo	B	BR
82	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	REDE, Marcelo	B	BR
83	7- ANTIGUIDADE AFRICANA, MÉDIO-ORIENTAL E MEDITERRÂNEA. 90H	3º Semestr	SILVA, Fernando Candido da.	B	BR

(Observar da esquerda para a direita. A primeira fileira corresponde a componente, a segunda o semestre, a terceira o/a autor/a, a quarta cor/raça e a última a nacionalidade.)

Podemos perceber como a construção do PPC, mesmo que tente se afastar ao máximo do paradigma dominante que seria a produção de saberes eurocêntricos/ocidentais, ainda peca em sua composição. Acredito que seja necessário trazer para o diálogo a pesquisa publicada pelo Dr. professor Robério Américo, da UNILAB, presente na comissão responsável pela criação do PPC, bem no início da caminhada do curso na Universidade da Integração Internacional. A pesquisa do professor apresenta relatos que parecem animadores sobre o curso de História na perspectiva contra hegemônica e decolonial que a introdução e objetivos do PPC do curso propõe, mas quando se é analisado a estrutura curricular é possível notar que essas perspectivas não incluem o antirracismo, e a partir dessa observação surgem desconfianças sobre a trajetória daquelas e daqueles que fizeram parte da comissão que desenvolveu o PPC e do colegiado que aprovou o documento. Será que o corpo docente do curso de História, seja do NDE ou do colegiado compreendem a urgência de trabalhar o antirracismo em meio ao currículo obrigatório do curso? Será que a experiência branca não deixou esse corpo discente perceber que mais uma vez o racismo epistêmico estava presente no documento?

O artigo, denominado “Descolonização e resistência: a UNILAB e a formação de professores de História para o Brasil e a África”, apresenta declarações que divergem do que foi encontrado na análise do currículo, essas divergências são: a premissa que os princípios curriculares do curso terá ênfase nas relações Brasil-África e a cooperação Sul-Sul (SOUZA,2020). É inaceitável que em um curso que tenha esse princípio, como uma de suas orientações, apresente apenas seis referências negras que são oriundas do continente africano. Outra fala que foge da realidade é a de que o currículo dá ênfase em eixos temáticos

continentais, numa perspectiva de equilíbrio entre Europa, África, Ásia e América (ibidem), o que, segundo o levantamento feito nesta pesquisa, vemos que o número de referências europeias é extremamente superior as referências africanas ou asiáticas, onde só a Alemanha tem mais referências no currículo do que a soma de todas referências do continente africano.

Ter acesso a essa pesquisa me ajudou a entender como a experiência branca faz com que até os mais preparados deixem passar despercebidos os apagamentos gritantes que o epistemicídio provoca onde o ConheciPreto deveria florescer. Acredito que o colegiado do curso tenha cometido, no momento da aprovação do PPC, o ato que Lélia Gonzalez chamou de “racismo por omissão”(GONZALEZ,2020, p. 221), essa prática se apresenta como mais um mecanismo da ideologia do branqueamento, onde falas generalizadas soam como um aval para a ideia da democracia racial e a de que nossas demandas podem ser englobadas no geral e onde percebemos que mais uma vez os corpos negros caíram no esquecimento.

É importante deixar evidente que meu entendimento e apontamentos em relação ao currículo da História está embasado nas disciplinas que fiz durante minha caminhada do BHU, na interpretação do PPC e na análise do currículo. É possível observar que existe um racismo epistêmico presente nas escolhas do colegiado da História na hora de aprovar o PPC do curso, esse ato de racismo pode ser interpretado como a experiência branca fazendo com que a ausência de saberes produzidos pela população negra seja aceito, ou que sejam “integrados” de um modo geral e raso.

É possível observar de maneira transparente as problemáticas presente nas referências que compõem essas disciplinas. Partindo daqui, foram isoladas quatro componentes em específico a fim de analisar a presença do ConheciPreto em cada uma. Foi aí que separei as componentes: *A Construção da Abordagem Histórica*, *Historiografia*, *Laboratório de Ensino*, *Fontes e Métodos III*, *História e Historiografia da África* e suas determinadas ementas para continuar a caça ao ConheciPreto. O critério de escolha destas disciplinas se deu a partir da leitura das ementas e o desenvolvimento de possibilidades que foram surgindo a partir dessa leitura.

ANÁLISE DAS COMPONENTES INDIVIDUAIS

A primeira componente que foi isolada para análise foi a de *Historiografia*, já que a ementa da mesma afirma que:

Ementa: A Escola dos Annales: novos problemas, novas contribuições e novos objetos. A metodologia interdisciplinar. História e Ciências Sociais. A história marxista britânica e seus desdobramentos para a história social. História social do trabalho e a historiografia brasileira. História dos trabalhadores em novas perspectivas: escravos e operários. A micro-história italiana: mudança de escalas, do nível de observação e estudo dos problemas históricos. Os níveis micro e

macro-históricos. Procedimentos metodológicos da análise histórica e manejo do material documental. O ensino dos conceitos e modelos críticos do fazer historiográfico na escola básica. Atividade de extensão como meio de promover o debate sobre historiografia com a comunidade. (UNILAB, 2018: p. 79)

A ementa destacada não apresenta discussões que se distanciam da branquitude europeia e suas relações de poder com o Brasil. Em uma análise direta da ementa pode se notar a presença de discussões que giram em torno da escola de Annales, história e ciências sociais, Karl Marx, a micro história italiana e outros assuntos que é a branquitude que se coloca como referência, digo isso a partir de uma análise breve, mais a frente os dados em relação a esses assuntos irão mostrar quem são as referências utilizadas para introduzir esses assuntos ao corpo discente.

Estudar e debater sobre a História social do trabalho e a historiografia brasileira e a História dos trabalhadores em novas perspectivas: escravos e operários pode apresentar influências interessantes dos saberes negros para a componente, entretanto, existe um detalhe na ementa que demonstra que não será do ponto de vista do ConheciPreto que esse debate será desenvolvido. A ementa demonstra que a terminologia utilizada na construção do documento não faz uso de uma linguagem antirracista, logo, termos racistas estão presentes, como a utilização do termo “escravo” que faz referência ao período escravocrata totalmente do ponto de vista dos senhores e colonizadores e apresenta ainda uma visão passiva das pessoas que foram sequestradas e violentadas por séculos. É importante prestar atenção nos detalhes da linguagem para não perpetuar ideias falsas. E o racismo não é apontado apenas em relação ao termo, a componente tem como suas referências de base onze textos escritos por dez homens e uma mulher e ambas as referências são pessoas brancas.

2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	BARROS, José D'assunção	B	BR	M
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	BITTENCOURT, Circe	B	BR	F
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	CARDOSO, Ciro Flamarion S.	B	BR	M
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	BURKE, Peter	B	ING	M
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	GINZBURG, Carlo	B	ITA	M
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	THOMPSON, Edward Palmer	B	ING	M
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	NEGRO, Antônio Luigi;	B	BR	M
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	SILVA, Sergio	B	BR	M
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	REIS, José Carlos	B	BR	M
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	THOMPSON, Edward Palmer.	B	ING	M
2- HISTORIOGRAFIA. 90H	4° Semestre	THOMPSON, Edward Palmer	B	ING	M

Mas e se por um momento, desconsiderando o termo racista na ementa, o debate sobre “História social do trabalho e a historiografia brasileira e História dos trabalhadores em novas perspectivas: escravos e operários” tivesse a oportunidade de ser dada a partir do ConheciPreto? Pelo que se pode observar existe nesses tópicos o interesse em abordar a história dos/as trabalhadores/as brasileiras e entender o contexto histórico existente no debate

entre “escravizados e operários”, que são estruturantes para a composição da sociedade brasileira que vivemos hoje, partindo desse ponto, abre-se espaço para duas das maiores intelectuais negras brasileiras entrar com suas contribuições científicas, são elas: Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento.

Ambas mulheres negras, historiadoras e que se debruçaram sobre como nossa sociedade brasileira se estruturou se aproveitando do trabalho de pessoas negras², em específico as mulheres negras. Seria completamente descolonizador para o PPC de um curso de história apresentar as vozes dessas mulheres, uma mineira e uma nordestina, pois o diálogo sobre a situação da mulher negra na História tem que sair da bolha de debate racial e ser introduzido como um ocorrido histórico que precisa ser dialogado.

A construção da abordagem histórica foi a segunda componente observada separadamente para fins de encontrar traços do ConheciPreto no currículo do curso. A ementa desta componente não nos abre margem para uma possível nova perspectiva como foi desenvolvido na disciplina de historiografia, porém é interessante destacar como a experiência branca atua nesta componente. Segundo o PPC do curso:

² GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. *In*: GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro latino americano. [S. l.: s. n.], 2020. cap. Parte 1 - Ensaios, p. 49-64. NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. *In*: UMA HISTÓRIA feita por mãos negras. [S. l.: s. n.], 2021.

Ementa: Conceitos fundamentais do pensamento histórico: o tempo, o documento, o homem no tempo, a escrita, o fato, as transformações, as continuidades e os processos sociais. A ciência e o método. Variedades de arquivos e fontes. A construção da abordagem histórica, num percurso historiográfico longo, desde as concepções gregas, romanas, cristãs, islâmicas e modernas. O que é a história da História? Institucionalização da História como disciplina acadêmica. A Escola Metódica. Ensino da abordagem histórica na escola básica. Atividade de extensão como meio de promover o debate sobre teoria da história com a comunidade. (UNILAB, 2018: p. 78)

Essa disciplina tem como objetivo começar a desenvolver o corpo discente para compreender os desdobramentos da nossa história enquanto humanidade, escrita, fatos, transformações, e logo após a ementa nos evidenciar tais objetivos podemos observar o recorte histórico que a mesma propõe, “das concepções gregas, romanas, cristãs, islâmicas e modernas”. E então uma ausência em específico se torna perturbadora, onde está a concepção egípcia, etíope? Como uma disciplina se propõe a estudar a escrita, o homem no tempo, as transformações, processos sociais, a ciência, arquivos e fontes e não apresenta uma proposta para analisar a concepção egípcia? Uma das maiores civilizações que já existiram e que se fez por mãos negras africanas, não teria algo a agregar na componente de abordagem histórica do curso? Não teria Cheik Anta Diop, por exemplo, algo a agregar apresentando um olhar crítico tanto a experiência branca que por séculos invisibiliza, e ainda invisibiliza, toda a grandeza e os/as personagens que desenvolveram uma das maiores civilizações que nosso mundo já viu?

Entre as décadas de 1980 e 1990 foram lançados oito volumes do livro intitulado A História Geral da África, lançado pela UNESCO e organizado por Joseph Ki-Zerbo, onde é possível ter acesso a um verdadeiro olhar contra europeu, também não seria interessante apresentar alguma produção desses escritos para entender as civilizações africanas no decorrer do tempo histórico? De acordo com os dados, acredito que a resposta seja não, o PPC nos mostra nove referências base para desenvolver a componente, seis dessas referências são homens e apenas três são mulheres, e as nove referências são brancas.

COMPONENTE	SEMESTRE	AUTOR/AUTORA	COR/RAÇA	NACIONALIDADE	SEXO
1- A CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM HISTÓRICA. 90h	3º Semestr	ABREU, Marthá	B	BR	F
1- A CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM HISTÓRICA. 90h	3º Semestr	SOIHET, Raque	B	BR	F
1- A CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM HISTÓRICA. 90h	3º Semestr	BARROS, José D'assunção	B	BR	M
1- A CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM HISTÓRICA. 90h	3º Semestr	BLOCH, Marc	B	FRA	M
1- A CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM HISTÓRICA. 90h	3º Semestr	MALERBA, Jurandir	B	BR	M
1- A CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM HISTÓRICA. 90h	3º Semestr	PARADA, Maurício	B	BR	M
1- A CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM HISTÓRICA. 90h	3º Semestr	HOSSBAWM, Eric.	B	ING	M
1- A CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM HISTÓRICA. 90h	3º Semestr	REIS, José Carlos	B	BR	M
1- A CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM HISTÓRICA. 90h	3º Semestr	SOUZA, Claudia Morais de.	B	BR	F

A terceira componente analisada foi *Laboratório de Ensino, Fontes e Métodos III*. A ementa da disciplina transparece uma iniciativa empolgante para a busca do ConheciPreto:

Ementa: Possibilidades de trabalho com os conceitos de “cultura afro-brasileira” e “identidade negra”. A produção do conhecimento histórico e novas estratégias pedagógicas para o ensino das Leis nº 10.639/2003 e 11.645/08 na escola básica. Impactos, desafios e desdobramentos teóricos e práticos para os docentes na educação básica diante do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira e indígena. Atividades de extensão que possibilitem levar à comunidade capacitação para o uso de fontes.(UNILAB, 2018: p. 83)

A possibilidade de trabalhar em uma disciplina tão técnica como na de Laboratório, conceitos da cultura afro-brasileira e identidade negra salta aos olhos de qualquer pesquisador/a que pertencem à população negra. Porém, mais uma vez a experiência branca tomou o lugar do ConheciPreto e dos saberes ancestrais. De quinze referências presentes na componente, nenhuma é negra. E mesmo se levarmos em consideração que não foi possível encontrar informações sobre uma das quinze referências presentes e quisermos pensar positivo que seria uma pessoa negra, ainda seria extremamente problemático ter quatorze pessoas brancas apresentando narrativas sobre a população negra no Brasil. Esta componente me traz mais essa evidência do racismo epistêmico: , como que a ementa visa “Possibilidades de trabalho com os conceitos de ‘cultura afro-brasileira’ e ‘identidade negra’ com um referencial teórico repleto de pessoas brancas? Me ocorre a curiosidade de saber exatamente o que ocorreu na hora de desenvolver esta disciplina para compor o currículo de História.

6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	ABREU, Martha	B	BR	F
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	SOIHET, Rachel	B	BR	F
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	ABREU, Martha	B	BR	F
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	SOIHET, Rachel	B	BR	F
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	GONTIJO, Rebeca	B	BR	F
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	OLIVA, Anderson	B	BR	M
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	PEREIRA, Amílcar Araújo	B	BR	M
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	MONTEIRO, Ana Maria	B	BR	F
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	SILVA, Aracy Lopes da	B	BR	F
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	GRUPIONI, Luís Donisete Benzi	B	BR	M
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	HORN, Geraldo Balduino	B	BR	M
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	GERMINARI, Geysa Dongley	B	BR	M
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	OLIVEIRA, João Pacheco de	B	BR	M
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	FREIRE, Carlos Augusto	NC	BR	M
6- LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS III 90H	7º Semestre	PEREIRA, Júnia Sales	B	BR	M

A quarta e última componente analisada foi a de *História e Historiografia da África*. Acredito que dentre as quatro, essa me causou maior frustração na busca pelo ConheciPreto no currículo obrigatório do curso de História, tal frustração se deu por conta das expectativas criadas de que ao menos em uma disciplina encontraria múltiplas referências negras e principalmente africanas para poder dialogar com o ConheciPreto, tendo em vista que se observarmos a componente de “Expansão Europeia”, por exemplo, a maioria das referências são brancas e europeias, ao meu ver, a melhor forma de falar de nós fosse por nós mesmos. Mas ao analisar a componente nos deparamos com algo totalmente diferente.

Foram analisadas vinte referências que compõem a disciplina, a frustração começa quando buscamos por mulheres africanas, apenas duas das vinte referências são intelectuais negras africanas. Quanto a referências no geral de pessoas africanas, apenas seis entram em nossos dados. Na disciplina de História e Historiografia da África, apenas seis referências são de países do continente africano, essas seis são distribuídas entre Burkina Faso, Moçambique e Gana, para ser mais específico em meus dados.

Na observação de pessoas negras, ampliando ainda mais o filtro, das vinte referências presentes, nove são pessoas negras, nove intelectuais com a possibilidade de produção do ConheciPreto. As outras onze referências são pessoas brancas, e a partir daí já podemos dimensionar como se dá esta disciplina na UNILAB, pessoas brancas falando sobre África, para pessoas negras e pessoas africanas. Mas podem surgir questionamentos do tipo “E qual o problema? O importante é passar o conteúdo de maneira correta!”, e essa indagação carrega um áspero veneno racista que só pessoas negras vão entender. Afinal, qual o problema de crescermos sem referências de intelectualidade e sucesso desde a escola, filmes, mercado de trabalho e na universidade onde deveria ter o ConheciPreto como protagonistas também sermos educados/as por pessoas que não entendem nossas vivências e individualidades? E para além desta questão me vem outro questionamento, se as referências que compõem a disciplina de Expansão Europeia, por exemplo, fossem majoritariamente negras e africanas, será que teria a mesma aceitação que tem o corpo branco da intelectualidade em tantas componentes do curso?

12- História e Historiografia da África (90h)	4º Semestre	KI-ZERBO, Joseph	N	BF	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	FALOLA, Toyin	N	NIG	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	SILVA, Teresa Cruz	N	MZ	F
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	COELHO, João Paulo Borges	B	POR/MZ	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	SOUTO, Amélia Neves de	N	MZ	F
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	BOAHEN, A. Adu	N	GHA	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	COOPER, Frederick	B	EUA	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	SCOTT, Rebecca J	B	EUA	F
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	HOLT, Thomas C	N	EUA	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	BISSIO, Beatriz	B	URU/BR	F
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	FURTADO, Cláudio	N	BR	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	LECHINI, Gladys	B	ARG	F
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	MACEDO, José Rivair.	B	BR	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	PANTOJA, Selma	B	BR	F
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	PANTOJA, Selma	B	BR	F
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	SANSONE, Livio	B	ITA	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	SILVA, Alberto da Costa e	B	BR	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	HEYWOOD, Linda Marinda	N	EUA	F
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	GILROY, Paul	N	ING	M
12- História e Historiografia da África (90 h)	4º Semestre	VISENTINI, Paulo Fagundes	B	BR	M

É importante destacar que essa disciplina é a que mais apresenta referências negras(9) dentre todas as componentes obrigatórias do curso de licenciatura em História da UNILAB, por outro lado, referências brancas são maioria até nesta componente.

Analisando de modo geral é possível constatar que dentre quatorze componentes obrigatórias do curso, nove não apresentam autores/as negros/as, logo não apresentam o ConheciPreto em meio as suas componentes. Das cinco disciplinas que apresentam referências negras, em nenhum dos casos essas referências são maioria.

No artigo, Souza (2020) aponta-se satisfeito com as componentes e suas referências:

Em grande medida, o Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Licenciatura em História da UNILAB contempla todas essas premissas, conseguindo estabelecer um diálogo eficiente com os anseios e as necessidades de seu tão plural corpo discente e pô-los em diálogo com as regulações da universidade, orientada para a parceria Brasil-África Lusófona, e com uma parte expressiva da legislação brasileira para a educação superior, modalidade licenciatura, em especial as leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Nisso ele se constitui em instrumento de uma formação de professores na e pela descolonização da educação nas ex-colônias portuguesas na América e na África, que possam contribuir ativamente na construção de propostas educacionais de resistência à hegemonia do Norte. (SOUZA, 2020, p.12)

É possível notar que existe uma sensação de satisfação na análise do autor para com o que propõe o PPC do curso de História, contudo o que se pode observar de fato a partir desta análise, depois de investigar a fundo a grade curricular, é que existe uma grande contradição entre o ponto de vista do artigo e o que está documentado na grade curricular do curso. Acredito que é necessário apontar a existência de uma análise romantizada do currículo do curso, tal defasagem pode gerar delírios de revolução, sensações de efetivação da descolonização que está longe de se efetivar, e que por se basear nestes delírios, a instituição vai continuar a produzir o racismo epistêmico em meio ao curso de licenciatura em História.

CONCLUSÃO

O racismo epistêmico está presente no curso de História da UNILAB. A partir do que foi desenvolvido nesta pesquisa é notório que o ConheciPreto segue sendo assassinado pela experiência branca. O epistemicídio no curso de História é reflexo de como o processo de descolonização na UNILAB ainda não é efetivo e nem apresenta grandes avanços. Reunir diversos povos como indígenas, quilombolas, pessoas de países africanos, jovens negros/as de periferia, jovens negros/as interioranos, pessoas LGBTQIA+, para estudar teoria branca dada por pessoas brancas não pode ser visto como um progresso, mas como um alerta. Se encontrar em uma universidade que se baseia na integração africana e afro-brasileira e perceber que das quatorze componentes obrigatórias do curso de História, nove não apresentam saberes produzidos por pessoas negras é lamentável.

É importante destacar a relação do curso de Bacharelado em Humanidades e o de Licenciatura em História, pois é a partir das discussões feitas durante todo o processo de integralização do primeiro ciclo, a formação em humanidades, que o corpo discente da

UNILAB tem a oportunidade de ter acesso ao arcabouço teórico necessário para questionar e tomar iniciativas como a desta pesquisa, a iniciativa de desenvolver uma investigação que mergulha a fundo na área de segundo ciclo. E não apenas as teorias apresentadas pelas componentes curriculares mas também as partilhas que fortalecem nossa caminhada no primeiro ciclo são fundamentais para pensarmos formas para confrontar a experiência branca que se apropriou das universidades de um modo geral.

É necessário tomar medidas urgentes para o início do real processo de descolonização, esse currículo precisa ser modificado, mas não apresentando uma simples inclusão de duas referências negras por componente, é necessário uma reformulação geral do Projeto Político Pedagógico dialogando desde o início com os saberes produzidos por pessoas negras, tanto as descendentes da diáspora quanto pelas pessoas que vem da terra sagrada, o continente africano. Começar uma desconstrução e reconstrução do currículo do curso de História deve ser considerada como uma questão de vida ou morte, pois vai ditar se o ConheciPreto vai florescer ou ser sufocado pela experiência branca.

É de extrema importância para o corpo discente entender que a proposta de descolonização das referências curriculares dos cursos analisados não estão incluindo a luta antirracista, assim é possível entender e apontar o epistemicídio como este que vemos neste trabalho. A trajetória de vida dos/das docentes que compõem o Núcleo Docente Estruturante, que compõem o colegiado do curso, grupos que aprovam o currículo devem ser investigados para fim de entender quais suas posições em relação a luta antirracista. Poderia ter tido pessoas neste colegiado que perceberam o epistemicídio presente na grade curricular? Caso a resposta seja sim, como o resto do colegiado interpreta essas denúncias? A transparência entre o NDE, colegiado de História e o corpo discente deve ser posta em prática urgentemente, é muito importante para a formação dos/das alunos/alunas como são tratados esses processos.

Outro debate que tem que ser colocado em pauta para propor real mudanças no currículo do curso de História é o de políticas afirmativas para docentes na UNILAB, sem a presença de docentes que entendem a realidade do povo negro na pele, a realidade de como o epistemicídio opera, não vamos ter acesso as ferramentas necessárias para dismantelar esse sistema racista que se perpetua no curso de História da UNILAB e nas universidades em geral.

Voltando para nossa questão inicial que deu força para a produção deste trabalho: “Será que o ConheciPreto está presente no Projeto Político Pedagógico do curso de História da UNILAB?” , considerando a pesquisa realizada, a resposta é não.

Existem sim referências negras presentes nas componentes obrigatórias do curso e estas devem ser interpretadas como ConheciPreto, pois se fazem resistência em meio a tantas referências brancas europeias. Porém, é nítido que a experiência branca de sempre estar no foco dos saberes é extremamente recorrente em meio ao PPC do curso. É extremamente perceptível que existem lacunas que poderiam ser preenchidas por intelectuais negros e negras mas que são tomadas pela experiência branca.

Das 176 referências básicas e complementares das componentes obrigatórias do curso de História da UNILAB, apenas dezoito referências são negras, é um absurdo que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira apresente esse número extremamente baixo de intelectuais negros/as nas componentes de um curso que promete contemplar o diálogo com os anseios e necessidades desse corpo discente que apresenta uma pluralidade enorme.

Acredito que diálogos ainda mais eficientes sejam necessários para que o curso de História possa realmente caminhar para o início de uma descolonização antirracista verdadeiramente eficiente que contemple, o ConheciPreto, e todas outras formas de produção de saberes que possam estar sendo negligenciadas pelo curso. Este trabalho é o primeiro passo para a construção do ConheciPreto no currículo de formação em História, e o por falar em primeiro passo, o do ConheciPreto é a denúncia e acredito que neste trabalho essa denúncia se encontra latente para que possamos em algum dia anunciar o ConheciPreto efetivo no curso de História da UNILAB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Danielle Pereira, SILVA, Marcos Antonio Batista. Currículos de licenciatura em História de duas universidades públicas brasileiras e a lei 10.639/2003: Silêncios, disputas e resistência. **Revista transversos**, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/54932>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- ARAÚJO, Danielle Pereira, SILVA, Marcos Antonio Batista. Currículos de licenciatura em História... **Revista transversos**, p. 71, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/54932>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- ARAÚJO, Danielle Pereira, SILVA, Marcos Antonio Batista. Currículos de licenciatura em História... **Revista transversos**, p. 73, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/54932>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- AZEVEDO, Janaina. **Negros do mundo. Rev. Raça Brasil**. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2010/01/24/negros-do-mundo/>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo, Lisboa: **Edições 70**. 1977.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo, Lisboa: **Edições 70**. 1977, p. 95.
- BÂ, Hampaté. A Tradição Viva. In: Ki-Zerbo. **A História Geral da África - I: Metodologia e Pré-História da África**. [S. l.: s. n.], 1980. p. 167, 168
- BRASIL. **Lei decreto nº 10639/03, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. [S. l.], 9 jan. 2003. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (doutorado em educação) - Área Filosofia da Educação, Universidade de São Paulo, SP, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. In: **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf>. Acesso em: 05 de Ago. de 2022.
- CARMO, Monalisa Aparecida, *et al.* Enegrecendo as referências: Intervenções possíveis do movimento negro na educação brasileira. In: **INTER.AÇÃO**, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/65156>. Acesso em: 20 de Fev. de 2022.
- CARMO, Monalisa Aparecida, *et al.* Enegrecendo as referências: Intervenções possíveis do movimento negro na educação brasileira. In: **INTER.AÇÃO**, p. 8, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/65156>. Acesso em: 20 de Fev. de 2022.
- CARMO, Monalisa Aparecida, *et al.* Enegrecendo as referências: Intervenções possíveis do movimento negro na educação brasileira. In: **INTER.AÇÃO**, p. 11, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/65156>. Acesso em: 20 de Fev. de 2022.
- CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad: La hybris del punto cero y el diálogo de saberes In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: **Siglo del Hombre Editores**; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. Disponível em: <https://www.ram-wan.net/restrepo/decolonial/14-castro-descolonizar%20la%20universidad.pdf>. Acesso em: 19 de jun. de 2022.

DANTAS, Luís Thiago Freire. Enegrecer a universidade para vivenciar o conhecimento, p. 349-361. In: **Rev. Filos Aurora, Curitiba**, v. 33, n.59. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27928/25095> . Acesso em: 15 de fev. de 2022.

DUNCAN, Quince. Anancy y el tigre en la literatura oral afrodescendiente. p. 68. In: Cuadernos de literatura. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5228215> . Acesso em: 19 de abr. de 2022.

FANON, Frantz. **Por uma revolução africana: Textos políticos**. 1º ed. Rio de Janeiro, **Zahar**, 2021.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica, cap. Parte 1 - Ensaio, p. 49-64. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. 1º ed. **Zahar**, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira, cap. Parte 1- Ensaio p. 75. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro Latino Americano**. 1º ed. **Zahar**, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. 1º ed. **Zahar**, 2020. p. 221.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. 4ºed. Rio de Janeiro : **Vozes**, p. 40, 2017

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículos sem fronteiras**, v. 12, n. 01, p. 106, 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1º ed. Rio de Janeiro : **Cobogó**, 2008.

Oliveira, João Pedro. **ConheciPreto**. 15 de abril de 2020. Instagram: @jpret0. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B_AKgI5pT5P/?utm_source=ig_web_copy_link .Acesso em: 24 de jul. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: Um conceito científico histórico-social, cap. Documento 7.p. 289 In:NASCIMENTO, Abdias. **O QUILOMBISMO**, 3a edição. **Ipeafro**, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho,Parte 1 - Intelectualidade, relações raciais e de gênero, p. 55. In: **Uma história feita por mãos negras**, 1º ed. **Zahar**, 2021.

NOGUEIRA, Renato. Afrocentricidade, Educação e Currículo Afrocentrado. In: **África e Africanidades**, p. 16, 11 nov. 2010. Disponível em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/03/afrocentricidade-e-educac3a7c3a3o-os-princc3adpios-gerais-para-um-curr3adculo-afrocentrado.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. - Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2007.

SANTOS, B.S. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: **Cortez Editora**, 1995, p. 328.

SANTOS, B.S. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **SANTOS, B.S. (org.). Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: **Cortez**, 2004, p. 777-821.

SOUZA, Robério Américo. Descolonização e resistência: a Unilab e a formação de professores de história... In: **Anos 90**, Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/86578/57146> . Acesso em: 10 de Maio de 2022.

SOUZA, Robério Américo. Descolonização e resistência: a Unilab e a formação de professores de história... p.12, In: **Anos 90**, Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/86578/57146> . Acesso em: 10 de Maio de 2022.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História, Ceará**, p. 25, 2018. Disponível Em:

<http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2016/01/Projeto-Pedag%C3%B3gico-Curricular-do-Curso-de-Licenciatura-em-Hist%C3%B3ria-Campi-Liberdade-e-Palmares.pdf> .Acesso em: 02 de jun. de 2022.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História, Ceará**, p.78, 2018.

Disponível Em:

<http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2016/01/Projeto-Pedag%C3%B3gico-Curricular-do-Curso-de-Licenciatura-em-Hist%C3%B3ria-Campi-Liberdade-e-Palmares.pdf> .Acesso em: 02 de jun. de 2022.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História, Ceará**, p. 79, 2018.

Disponível Em:

<http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2016/01/Projeto-Pedag%C3%B3gico-Curricular-do-Curso-de-Licenciatura-em-Hist%C3%B3ria-Campi-Liberdade-e-Palmares.pdf> .Acesso em: 02 de jun. de 2022.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História, Ceará**, p. 83, 2018.

Disponível Em:

<http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2016/01/Projeto-Pedag%C3%B3gico-Curricular-do-Curso-de-Licenciatura-em-Hist%C3%B3ria-Campi-Liberdade-e-Palmares.pdf> .Acesso em: 02 de jun. de 2022.